

APRESENTAÇÃO

Uma vez mais estou eu aqui, no sítio bem pessoal, em que leio, penso, escrevo, para, em umas poucas palavras, dizer aos leitores e leitoras prováveis deste livro de Patrick Clarke, que realmente vale a pena lê-lo. Vale a pena travar com ele, o livro, uma convivência através da qual vão adentrando-se nos seus mistérios e descobrindo suas bonitezas e seus acertos.

Foi exatamente isto o que fiz também quando li, com gosto incontido, página por página, o que antes era ainda a dissertação de mestrado de Patrick, de cuja mesa examinadora fiz parte.

Todo o trabalho me tocou por sua seriedade, pela pureza autêntica, nada piegas, de que ele impregna seu discurso, pela coragem sempre explícita de optar, pela radicalidade de suas posições, que jamais ele permite que se perverta em sectarismo, em que se perderia, negando-se a si mesmo.

Gostaria, contudo, de chamar a atenção dos leitores e leitoras para uns poucos pontos que merecem ser enfatizados na totalidade gostosa e harmoniosa do livro.

O primeiro deles está no acerto com que Patrick recusa, nega e supera qualquer possibilidade de dicotomizar o saber popular do saber erudito ou dicotomizar, na linguagem de Georges Snyders, a "Cultura Primeira" da "Cultura Elaborada".

Rechaçando o autoritarismo elitista, para o qual a sabedoria popular, "desarticulada" e "imprecisa", pouco ou nada vale, repele igualmente o não menos autoritário "basismo" que, em lugar de combater o blablablá intelectualista, o elitismo arrogante, termina por negar também a própria e indispensável Teoria.

Em Patrick está bem clara não apenas a necessidade do respeito recíproco entre estes saberes, mas também a da superação do "saber de experiência feito" pelo saber

mais elaborado, o que não pode ser feito, porém, no desrespeito ou na negação do primeiro. Superá-lo implica passar por ele.

Um outro ponto que gostaria de sublinhar é a força com que Patrick usa a poesia na prosa através da qual desvela a realidade não só com mais boniteza mas, às vezes, com mais agudeza também.

Neste sentido, sem mais comentários, chamo a atenção da relação que ele estabelece entre Pão e Poesia — vida concreta, materialidade, dia passando, dor doendo e machucando, fome fustigando, frio engelhando o corpo, tempestade despindo barracos, briga, conflito, desejos, decepções — espírito, fé, esperança, apesar de tudo, Transcendência, Utopia viável.

Num tempo histórico como o em que vivemos, em que certos discursos neoliberais falam da morte das ideologias, da inexistência das classes sociais, portanto de sua luta; da morte da utopia, do sonho, e defendem ou insinuam nossa acomodação ao “status quo”, em nome de um certo pragmatismo necessário, livros como o de Patrick são um alento, uma espécie de “pitada de sal” que nos faz falta.

São Paulo, tarde chuvosa. Março, 1993.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Paulo Freire', with a stylized, cursive script.

Paulo Freire